

NEOJIBÁ, os toques brasileiros na experiência musical e sociocultural venezuelana

Naira de Brito Poloni

“Já se percebeu que a música
faz livre o espírito?
que dá asas ao pensamento?
que alguém se torna mais filósofo,
quanto mais se torna músico?”
Nietzsche, *O caso Wagner*.

Introdução

Esta pesquisa visa analisar o NEOJIBÁ (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), projeto criado em 2007 como um dos programas prioritários no Governo do Estado da Bahia com o intuito de formar núcleos orquestrais e corais infanto-juvenis, alcançar a excelência musical e a integração social por meio da prática coletiva da música. A construção ética e pedagógica de crianças e adolescentes através da música é o foco de sua estratégia, utilizando-se de novas tecnologias, capacitação em ensino musical e reparação de instrumentos. (NEOJIBÁ, 2012)¹.

O diretor-fundador do projeto é o pianista baiano Ricardo Castro. Em viagens para realização de concertos musicais na Venezuela conheceu o Sistema Nacional de Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela, El Sistema, criado há 37 anos. O pianista ficou encantado e planejou implantar o modelo na Bahia, utilizando suas referências. “No Brasil, o El Sistema reconhece o NEOJIBÁ como o seu principal representante e de iniciativa pioneira”, conta Castro. A meta é que o projeto se propague por todas as cidades do estado baiano, algo que acontece na Venezuela. “Por meio da prática orquestral, levamos a criança a ultrapassar seus limites. Dessa forma, elas saberão como chegar a excelência em qualquer área”, explica Castro².

Na busca pela formação genuína do ser humano, enquanto ser cultural e social, e pelo resgate da humanidade deste, devemos primar por dar-lhe as bases para apropriar-se de diversas linguagens, desenvolver seu pensamento e ação. Portanto, para a humanização digna de um cidadão, é imprescindível o fortalecimento de suas capacidades de articulação e expressão. E a arte, enquanto um conjunto de linguagens sensíveis ao homem e seu mundo, é um

¹ Dados do site oficial do NEOJIBÁ. Disponível em: <www.neojiba.org>. Consulta: 10/2011 e 04/2012.

² Entrevista com Ricardo Castro. Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/tve/catalogo/media/view/1146>>.

importante alicerce para o sucesso deste desafio – da humanização do homem. (ALMEIDA, 2005: p. 20)

Diagnosticar se o conceito de Nestor Canclini sobre hibridismo cultural, ou seja, o diálogo entre cultura erudita, cultura popular e cultura de massa que acontecem na América Latina e sua inserção no cenário mundial, se faz presente nesse contexto por meio da estratégia e estrutura do programa. Quais seriam as estruturas envolvidas nessa fusão? Há transformação nesses processos?

O NEOJIBÁ nos chama a atenção por manter um repertório popular em uma estrutura orquestral (erudita), além de sonoridade prodigiosa, há fusões em suas músicas, percebe-se então a presença do conceito de processos híbridos.

1. NEOJIBÁ, a versão brasileira do El Sistema

“A música é uma linguagem de diálogo”, Ricardo Castro.

O NEOJIBÁ completa cinco anos de existência em 2012. O dia oficial de comemoração é 20 de outubro, data da realização do primeiro concerto da Orquestra Dois de Julho, sua primeira criação. Elizabeth Ponte, diretora administrativa e coordenadora do setor de desenvolvimento institucional do NEOJIBÁ, explica que o programa é inspirado na filosofia do El Sistema e pretende alcançar os mesmos resultados do projeto venezuelano: transformação da juventude, multiplicação, cooperação e profissionalização dentro da música³. Assim, o NEOJIBÁ é:

Um programa que proporciona gratuitamente a todos os integrantes, sem distinção social, instrumentos musicais para a prática orquestral, material pedagógico, ensino de prática e teoria musical dispensado por profissionais qualificados, auxílio transporte e lanche, além de uma bolsa auxílio. (NEOJIBÁ, 2012)

Os primeiros alunos selecionados tinham conhecimentos musicais, sabiam tocar algum instrumento. Foram selecionados em número de 80, para formar a primeira orquestra juvenil da Bahia e capacitar jovens a lecionar música no projeto. Dois anos depois, em 2009, aconteceu uma nova seleção para 80 novos integrantes, sendo que o pré-requisito era o conhecimento básico de música. Formou-se a segunda orquestra, a Orquestra Castro Alves, quando os alunos também receberam formação pedagógica específica para darem aula como monitores e futuros professores do programa. Em 2011 abriram-se vagas para 570 alunos iniciantes, ou seja, crianças e jovens sem conhecimento musical. Nesta última fase, os alunos das primeiras orquestras começaram a atuar como professores-monitores, ao mesmo tempo, receberam aula e

³ Entrevista com Elizabeth Ponte, concedida à autora em 23/03/2012.

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

realizaram apresentações. Para esses alunos sem conhecimento musical Ponte explica que o único critério de seleção é a vontade de participar, para tanto esclarece: “A gente faz um concerto da orquestra nas escolas para despertar a vontade e a curiosidade deles e a partir daí são abertas as inscrições”. (Entrevista com Ricardo Castro)

“Feliz aquele que ensina o que sabe e aprende o que ensina” (Cora Coralina). Esta frase descreve o grande diferencial do projeto, seu objetivo de multiplicação, ou seja, os primeiros alunos são capacitados para, no futuro, atuarem como professores no projeto. O fundador Ricardo Castro declara que esse é o lema principal do projeto, *aprende quem ensina*. Este objetivo amplia o conhecimento dos alunos-monitores, e se torna um exemplo que os alunos podem levar para vida toda, todo mundo pode aprender e todos podem ensinar. Segundo Castro, o primeiro núcleo é germinativo e cooperativo, no futuro, pretende-se expandir para todas as cidades baianas. É o que nos explica Elizabeth Ponte sobre professores convidados a ministrar aulas aos participantes do projeto:

Quando chega um professor convidado e ensina esses alunos que existe uma via de mão dupla do aprendizado, quando se trabalha com a prática coletiva de música, eles aprendem uns com os outros no cotidiano das atividades, aprendem com os professores e os professores aprendem com eles. (Entrevista com Ricardo Castro)

O projeto reúne 730 integrantes, com idades entre 6 a 29 anos que formam três núcleos: o Central, em Salvador, de formação e capacitação profissional, são 150 jovens que começaram a lecionar aos novos alunos do programa em 2011. E dois núcleos de prática orquestral, um instalado em Salvador e outro em Simões Filho. Ponte explica que o NEOJIBÁ tem uma rede de projetos parceiros, que foram mapeados e hoje recebem ajuda do projeto, com vislumbre de se tornarem núcleos. São seis parceiros, cinco no interior, em Santa Cruz Cabralia, Conceição de Boité, Jacobina, Porto Seguro e Anjical que fica no extremo oeste, e um projeto em Salvador, que é o Estrelas Musicais.

Três orquestras e um coral são distribuídos da seguinte maneira: Orquestra Sinfônica Juvenil Dois de Julho (J2J), com 94 integrantes. Orquestra Castro Alves (OCA), com 59 integrantes. Orquestra Juvenil da Bahia (Youth Orchestra of Bahia - Yoba), grupo formado pelos 100 melhores integrantes do projeto. Devido à demanda de jovens que querem participar do programa, foi criada a Orquestra Pedagógica Experimental (OPE) que capacita músicos entre 8 e 15 anos. E um coral com 40 jovens do Teatro do ICEIA, em Salvador. Inicialmente os alunos eram distribuídos nas orquestras pela idade, procedimento muito usado em programas educacionais, mas hoje

a classificação é por conhecimento musical, procedimento habitual em orquestras profissionais. (NEOJIBÁ, 2012)

Um aspecto singular no projeto é o desapego de inclusão social. Assim, o foco principal é a integração social. Por isso, os primeiros processos de escolha foram para dar oportunidade a todos os jovens baianos de tocar em orquestra, de todas as classes sociais, dando mesma oportunidade a pobres e ricos. Observa-se, com o último levantamento feito pela administração, que 60% dos integrantes vêm de família das classes média e baixa⁴. Quem confirma esse sistema de escolha é o próprio Castro quando assegura “oferecermos a todos, sem distinção, um ensino musical de qualidade comparável ao de grandes centros musicais”. (Entrevista com Ricardo Castro)

A metodologia usada no NEOJIBÁ é totalmente inspirada no programa El Sistema, possui uma intensa prática musical em grupo com o compromisso de manter a diversão e alegria presentes na aprendizagem e na criação musical diária. Com educação musical de qualidade é possível apresentar uma qualidade musical de excelência. A atividade musical orquestral necessita de muito empenho para mostrar um bom trabalho.

Em uma sequência de aprendizagem, a partir de 5 e 6 anos os alunos começam a estudar ritmo e expressão corporal, e assim a motivar movimentos corporais sem perder a técnica. Essas crianças podem escolher os instrumentos – entre flauta doce e percussão – e a participação em um coro. Os instrumentos de orquestra podem ser escolhidos aos 7 anos. (NEOJIBÁ, 2012)

O ensino: Para desenvolver o senso de qualidade sonora, muitas vezes, o aluno focaliza em uma única nota musical de uma canção, cantando ou tocando o instrumento, na primeira fase de ensino. Aprender a usar uma notação musical pode levar muito tempo e isso será ensinado progressivamente. Há três níveis de ensaios (aulas) semanais, de naípe⁵, individual e geral. Ensaios coletivos e aulas individuais ocorrem diariamente. O ensaio geral da orquestra acontece no Teatro Castro Alves uma vez por semana. Uma rotina contínua e diária de estudos garante a qualidade e o rápido aprendizado. Motivar os alunos a se apresentarem tanto quanto possível em frente ao público é muito importante para formação natural de sua vida como músico, diminuindo a pressão em apresentações e tornando-as mais prazerosas. (NEOJIBÁ, 2012)

⁴ Entrevista com Elizabeth Ponte, concedida à autora em 23/03/2012.

⁵ Instrumentos da mesma família – madeiras, sopros, arcos e percussão.

O entorno: um lugar seguro, divertido e alegre, que promove a auto-estima e senso de valor. Os jovens são motivados por si próprios, seus colegas e professores. Levar disciplina sem ser exageradamente rigoroso, trabalho duro e conquistas significativas para o sucesso, em paralelo com divertimento, sempre deve estar presente. (NEOJIBÁ, 2012)

Professores: no El Sistema, a maioria dos professores são frutos do projeto. O mesmo começa a acontecer no NEOJIBÁ, quando em 2011 os alunos-monitores iniciam a prática de ensinar. “Esses professores-monitores entendem o valor musical e social, concedem atenção aos alunos de forma integral, pois vieram do programa”, como confirmam dados do site oficial do programa. (NEOJIBÁ, 2012)

Plano de estudos: os alunos começam tocando grandes obras de compositores nacionais e estrangeiros com arranjos mais simplificados, de acordo com o conhecimento e aprendizado musical. No futuro essas obras são novamente incorporadas aos estudos e apresentações com o nível de execução maior, conforme o progresso de cada um. (NEOJIBÁ, 2012)

Outra perspectiva é o intercâmbio musical, cultural e educacional. O programa já recebeu 120 professores convidados oriundos do Brasil, Venezuela, Suíça, EUA, França, Alemanha dentre outros.

O responsável

Pianista, diretor-fundador e maestro do NEOJIBÁ, Ricardo Castro nasceu em Vitória da Conquista e começou a tocar piano nos primeiros anos de vida. Estudou piano e regência na Europa com recursos próprios e ganhou vários concursos internacionais de piano. Pianista reconhecido mundialmente por sua musicalidade e especialidade em Chopin, morou na Suíça desde 1982 e voltou para o Brasil com o objetivo de implantar o NEOJIBÁ. Anteriormente trabalhou com projetos sociais na Bahia, como o Projeto Axé de Salvador e o Conquista Criança, em Vitória da Conquista. (Ricardo Castro, 2012)⁶ Pouco antes de 2007 o maestro percebeu que estava numa fase de vida em que poderia desenvolver um trabalho baseado nesse projeto e quis implantá-lo na Bahia, como nos confirma:

Sempre tive interesse pelo social quando era jovem, mas fui feito para ser músico. Pela primeira vez, vi que dava para casar as duas coisas. Eu não era tão feliz na Europa. Não me traz felicidade, não me é suficiente dar concertos e recitais e receber milhares de dólares. Meu papel na sociedade não estava sendo bem cumprido. A possibilidade de trazer o programa e

⁶ Site oficial de Ricardo Castro. Disponível em: <<http://www.ricardocastro.com/>>. Consulta: 01/2012.

transformar alguma coisa fez com que eu aceitasse modificar a atividade como concertista e me dedicar ao projeto na Bahia. (Rizomas, 2011)⁷

El Sistema: a inspiração

Trabalho idealizado e realizado pelo maestro José Antonio Abreu, um visionário, o programa conhecido como El Sistema, foi criado em 12 de fevereiro de 1975. “Tocar e lutar” é o lema principal do projeto, que vem sendo seguido por Abreu, alunos e professores. O programa sociocultural ajuda atualmente cerca de 350 mil crianças e jovens na Venezuela. “O número de crianças que chegam até nós através da música só é comparável ao interesse normalmente despertado pelo esporte”, afirma o maestro.

A missão do programa se constitui em:

Una obra social del Estado Venezolano consagrada al rescate pedagógico, ocupacional y ético de la infancia y la juventud, mediante la instrucción y la práctica colectiva de la música, dedicada a la capacitación, prevención y recuperación de los grupos más vulnerables del país, tanto por sus características etarias como por su situación socioeconómica. (Fundação Simón Bolívar, 2011)⁸

El Sistema foi inserido em todos os estados e cidades da Venezuela com 200 orquestras e hoje em dia atinge a 300 mil famílias. “É o maior acontecimento da música clássica no mundo inteiro”, segundo palavras do maestro inglês Simon Rattle, diretor artístico da Filarmônica de Berlim. (SÁNCHEZ, 2007: p. 67)

A estrutura do El Sistema é constituída por 96 núcleos no país, com 1.288 instrutores. Cada núcleo possui seu centro acadêmico (teoria) e orquestra (prática). Em 1995 foi criado o Programa de Educação Especial para alunos com alguma deficiência física e/ou mental. Três anos depois (1998), criou-se a Orquestra Juvenil Gustavo Machado que atende a 120 alunos, com idade entre 6 e 18 anos, que cometeram algum delito e/ou vítimas de maus tratos e/ou abandono da família. A Fundação conta com o apoio de um conjunto de instituições, destacando o Centro Nacional Audiovisual de Música Inocente Carreño e o Centro Acadêmico de Lutheria, declara Freddy Sánchez. (SÁNCHEZ, 2007: p. 67) O custo do projeto em 2009 foi de 30 milhões de dólares anuais, ou seja, 120 dólares por criança ao ano, 10 dólares ao mês. Valores que vertidos em moeda brasileira atingem a aproximadamente 25 reais por criança ao mês. Uma

⁷ Declaração de Ricardo Castro ao site Rizomas. Disponível em: <<http://rizomas.net/cultura-escolar/producao-dos-alunos/utopia-e-cotidiano/128-neojiba.html>>. Consulta: 12/2011.

⁸ Site oficial da Fundação Simón Bolívar. Disponível em: <<http://www.fesnojiv.gob.ve/es/mision-y-vision.html>>. Consulta: 08/2011.

quantia quase irrelevante ao se pensar no número elevado de crianças e adolescentes atendidas. (Milton Ribeiro, 2011)⁹

Segundo o professor Freddy Sánchez, que atua em um dos núcleos da Fundação Símón Bolívar, ao analisar o projeto, conclui que a causa determinante do sucesso seria todo conjunto. Mas está no empenho de seu líder, o maestro José Antonio Abreu, a causa evidente que determinou o êxito deste projeto educacional e sociocultural. Tanto que Abreu foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Pois é o maestro o responsável pela inspiração, pela criação, pela luta e a participação ativa em El Sistema, que provavelmente esteja o coração do projeto. Por isso Sánchez conclui, “[Abreu] Decidiu dedicar-se total e incondicionalmente ao modelo que sintetiza a experiência organizacional, gerencial, musical e pedagógica”. (SÁNCHEZ, 2007: p. 63-64)

2. Hibridismo ou processos de hibridação?

Neste tópico, nos arriscamos a expor à discussão o conceito de Canclini, sobre hibridismo, e de Milton Santos, sobre o uso das ferramentas na era da globalização, justamente por propor um diálogo entre tais conceitos e o objeto de estudo. Faz-se necessário tentar entender o diálogo do programa NEOJIBÁ com os conceitos de políticas culturais e economia da cultura.

Nestor Canclini alerta para o uso da palavra hibridismo na contemporaneidade, é preciso ter cautela ao usá-la. O autor esclarece:

Parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pelo qual não podem ser consideradas puras. (CANCLINI, 2008: Introdução, p. XIX)

Canclini analisa os contrapontos, conhecidos pela sociedade como tradição-modernidade e culto-popular, no contexto da América Latina. Seu estudo mostra que essas antíteses sofrem misturas e coexistem entre si, o que o autor denomina de processos híbridos. O hibridismo cultural sempre existiu, desde os primeiros contatos entre diferentes sociedades e esse conceito oferece parâmetro para a análise das interações entre culturas. (CANCLINI, 2008: p. 354)

⁹ Dados do Blog de Milton Ribeiro. Disponível em: <<http://miltonribeiro.opsblog.org/2009/03/29/shostakovich-sinfonia-n%C2%BA-10-2%C2%BA-mvto-allegro/>>. Consulta: 08/2011.

Algo importante da visão sobre o objeto é explicado na teoria de Nestor Canclini “nem transplante alienado, nem desajuste com a própria realidade: tentativas de organizar o mundo moderno sem abdicar da história”. (CANCLINI, 2008: p. 117)

O uso do conceito (hibridismo) é intensificado pelos processos da globalização. Neste sentido, serve para pensar nas consequências destas interações e o que não pode ser classificado nem como global ou local ou erudito ou popular, mas o que se relaciona na sua coexistência. A modernidade caminha junto com a utilização dos processos híbridos, estes não rompem o tradicional, mas mesclam-se fazendo uma justaposição de características, diferentes temporalidades, artefatos, estilos e lugares. (CANCLINI, 2008: p. 362-367)

O processo de hibridação (re)configura a reflexão dos locais e identidades culturais. Em meio a este paradigma as localidades despontam como identidades com muitos fatores híbridos a serem constatados. Nesse sentido, um exemplo é o uso da estrutura erudita (orquestra) para apresentar no repertório músicas populares, geralmente sem uma escrita formal, faz-se necessário uma escrita estruturada para que a orquestra possa tocá-la. Observa-se o processo de hibridação, o que era e/ou é passado pela oralidade ou escrita simples, ganha escrita formal complexa. Na maioria dos casos, o ritmo é de uma dança e vê-se outro processo de hibridação, um casal de dançarinos que, integrantes do NEOJIBÁ, unidos à orquestra dançam quando não tocam seus instrumentos. Como se vê, trata-se de uma mistura, entre as artes, com novos resultados artísticos. Canclini explica que não se utiliza do conceito de hibridação para estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”, visto que não existem há tempos. (CANCLINI, 2008: introdução, p. XXIII)

Outra perspectiva é o intercâmbio musical, cultural e educacional. Alunos viajam para conhecer o programa na origem. Fazem concertos internacionais. Professores de vários países vêm ao Brasil dar aula aos participantes do NEOJIBÁ. Toda essa troca de experiência é resultado da utilização de novas técnicas. A globalização mais humana, utilizando a base material atual para construção de um mundo mais sensível, ao serviço de alicerces políticos e sociais. (SANTOS, 2009: p. 20)

Vale também destacar neste artigo a importância de políticas culturais e economia da cultura, visto que são iniciativas e recursos indispensáveis ao programa em foco, o NEOJIBÁ, que não existiria se não fosse o Governo da Bahia, pois é um programa mantido pelo Estado. O atual secretário estadual da cultura da Bahia, Antonio Albino

Canelas Rubim apoia o programa, vê futuro em sua expansão e afirma¹⁰, “A ideia é que essa renovação se expanda para o interior. Porque o objetivo deles é interesse nosso”.

O conceito de política cultural foi sugerido pela primeira vez na UNESCO, segundo Ana Carla Reis ao retomar o conceito de José Teixeira Coelho Neto que resgata o sentido de ‘público’ como ‘coletivo’, ultrapassa os limites governamentais abrangendo outras esferas da sociedade –, como o conceito de transversalidade da cultura, que permeia e integra todas as demais políticas públicas. Um dos principais objetivos das políticas públicas culturais é desenvolver diversidade cultural, regeneração geográfica, cultura e imagem nacional, cultura e identidades, qualidade de vida e democracia cultural e inclusão. (REIS, 2007: p. 140-143)

Para que uma política cultural cumpra o objetivo da busca do desenvolvimento sustentável e integrado, é necessário que os setores público, privado e a sociedade civil atuem em conjunto, promovendo uma leitura mais ampla e completa das necessidades, prioridades e características próprias de seus países (REIS, 2007: p. 140). Hoje, o NEOJIBÁ é um exemplo do modelo citado, e desde 2009 possui gestão compartilhada como nos explica Elizabeth Ponte:

É um programa público, do governo do Estado da Bahia e da secretaria de cultura, mas que é gerido por uma entidade do Terceiro Setor, que é a Associação de Amigos das Orquestras Juvenis e Infantis do NEOJIBÁ (AOJIN). Esse modelo de gestão é chamado de publicitação, a parceria entre o Estado e o terceiro setor, o governo financia o núcleo central desse programa. (Entrevista com Elizabeth Ponte, concedida a autora)

Segundo Rubim, as políticas públicas de cultura nacionais possuem três tristes tradições: ausência, autoritarismo e instabilidades, historicamente nessa ordem, e que na Bahia reproduziu-se esta dinâmica. O autor declara que o estado teve longas ausências de políticas culturais e a Secretaria Estadual de Cultural foi criada tardiamente e logo depois fechada. Recriada em 1995 em conjunto com o turismo, ou seja, uma nova secretaria, Secretaria de Cultura e Turismo, gerando um problema, a cultura ficou a mercê do turismo. Até o seu recente desmembramento, a cultura sofreu com a imposição de uma identidade unilateral, sem oportunidade de democratizar a diversidade da sociedade baiana. (RUBIM, 2010: p. 8-10)

Com os governos recentes Rubim esclarece que:

A existência prévia da gestão Lula-Gil (Luiz Inácio Lula da Silva - Gilberto Gil) e agora o novo governo de Jacques Wagner e Márcio Meirelles, por certo, abrem plenas possibilidades de construção de verdadeiras políticas

¹⁰ Entrevista com Antonio Albino Canelas Rubim, concedida à autora em 11/11/2011.

públicas de cultura, que possibilitem diálogos, criação, circulação, acesso, consumo de cultura neste estado chamado Bahia, que tem seu passado, seu presente e certamente seu futuro associados de modo intrínseco à cultura. (RUBIM, 2010: p. 10)

Pode-se perceber a mudança das políticas da Bahia pela iniciativa com o programa NEOJIBÁ, um programa da Secretaria da Cultura da Bahia financiado totalmente pelo governo nos dois primeiros anos de existência. Hoje, continua em parceria com empresas privadas.

O fato deste projeto ter se mantido, primeiro com o incentivo público, e depois com o apoio do privado, em conjunto, nos remete a pensar que hoje, vivendo em um mundo capitalista, a economia devolve à cultura sua voz ativa, ao restituir seu valor econômico, a economia da cultura traz ajuda nas negociações multilaterais. Assim, a cultura pode transitar pelos meandros econômicos. (REIS, 2007: p. 8-9) Usa-se a economia da cultura para mostrar a importância da arte como motor de crescimento econômico e seu potencial para desenvolvimento socioeconômico, dentre outros. (REIS, 2007: p. 141-145)

Portanto ao se usar a lógica econômica e sua metodologia (planejamento, eficiência, eficácia, estudo do comportamento humano e dos agentes do mercado) no campo cultural, passa a ser instrumental, ela não impõe regras, se coloca a serviço da cultura para atingir seus objetivos, segundo Ana Carla Reis Fonseca. (REIS, 2007: p. 6) A autora também nos relata, em seu recente livro *Cidades Criativas*, que em 2003, Gilberto Gil (ministro da cultura na época) começa a defender “uma convergência de olhares entre cultura e economia, não perdeu a oportunidade de, dois meses após [...] o encontro da UNCTAD (2004)¹¹, lançar os pilares da realização de um Fórum Internacional das Indústrias Criativas, em Salvador.” (REIS, 2012: p. 30) Indústrias Criativas, conceito ainda novo no Brasil, apoia-se em dois eixos estruturais “do conhecimento advindo de ciência e tecnologia (que agrega valor e inovação) e o da cultura (que lhe confere originalidade não copiável), dando margem a uma ampla gama de possíveis combinações de ambas,” explica a autora. (REIS, 2012: p. 37)

Dessa forma, podemos entender o que Ricardo Castro nos diz quando afirma, “Nós não somos pobres, o Brasil não é um país pobre, a Bahia não é um estado pobre. Esse discurso tem que parar, simplesmente tem que se investir no lugar certo, trabalhar da maneira correta”. E se trazemos essa questão da riqueza cultural para o NEOJIBÁ,

¹¹ 11ª encontro quadrianual da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), realizada em São Paulo.

podemos concordar com o que diz Castro, “A orquestra é um elemento transformador da sociedade que agrega, dá possibilidade de colocar pessoas, de origens diferentes, culturas diferentes e religiões diferentes”. (Entrevista com Ricardo Castro)

3. Metodologia

"Não há caminho fácil da Terra às estrelas", Sêneca.

Em paralelo às pesquisas acadêmicas, fizemos um mapeamento via internet em revistas especializadas de música e educação musical. Dois tipos de entrevista foram realizadas para este artigo. Entrevista livre como a realizada com o secretário da cultura da Bahia, Antonio Rubim, em novembro de 2011. E a entrevista semi-estruturada com Elizabeth Ponte, diretora administrativa e coordenadora do setor de desenvolvimento institucional do NEOJIBÁ, em março de 2012.

Às leituras e estudos de dados e informações, partimos para uma análise embasada em conceitos das obras *Culturas Híbridas*, do argentino Nestor Canclini e *Por uma outra Globalização*, do baiano Milton Santos. Também lançamos mão de ideias, pensamentos, e conceitos de Antonio Rubim e Ana Carla Reis no que diz respeito às políticas públicas e economia da cultura. Vale acrescentar que o livro de Maria Nazareth Ferreira, *Alternativas Metodológicas para a Produção Científica*, serviu de base para responder a questões acadêmicas, na elaboração da estrutura deste artigo.

4. Um novo olhar: maneiras de (re)descobrir a música de concerto

Ao retomar o que Canclini nos aponta sobre a necessidade de se pesquisar fenômenos, ele declara ao pesquisador para não ficar somente na exposição do objeto, apenas relatando as fusões, é necessário traduzir a relação da importância do resultado das misturas, ou seja, qual sua utilidade:

Uma dificuldade para cumprir esses propósitos é que os estudos sobre hibridação costumam limitar-se a descrever misturas interculturais. Mal começamos a avançar, como parte da reconstrução sociocultural do conceito, para dar-lhe poder explicativo: estudar os processos de hibridação situando-os em relações estruturais de causalidade. E dar-lhe capacidade hermenêutica: torná-lo útil para interpretar as relações de sentido que se reconstruem nas misturas. (CANCLINI, 2008: Introdução, p. XXIV)

Verificamos que em dois momentos é possível se pensar em processos de hibridação quando da atuação do NEOJIBÁ, especificamente quando nos referimos à realização dos concertos. O primeiro diz respeito à linguagem musical utilizada pelo grupo. Trata-se de adotar um estilo que bebeu dessas fusões. O repertório apresenta composições de músicos populares utilizando a estrutura de orquestra tradicional

(europeia). Ou seja, melodias simples de músicas tradicionais e/ou folclóricas feitas para entreter, agora com arranjos elaborados para uma orquestra com 100 integrantes. O intuito de difundir o leque de músicas populares brasileiras incrementa os valores da história musical do país. A construção dos arranjos é produzida por uma estrutura chamada de harmonia musical, que articula, organiza, encadeia os sons, com um modo de pensar, seguindo regras estruturais que predentem levar ao sublime através da razão e não somente da emoção, ou seja algo pensado. A música popular também é pensada, claro, mas a estrutura erudita procura uma elaboração profunda, com hierarquias e funções e regras específicas para o encadeamento de acordes¹². O NEOJIBÁ mostra canções originais, incorporadas pela orquestra, fato que decorre pelo diálogo aberto entre o regente-fundador e seus alunos desde o princípio, sua orquestra traz traços de gostos variados, resultado de uma construção em conjunto de todos, enriquecendo e proporcionando o início do processo de hibridismo por intermédio do diálogo. (Entrevista com Ricardo Castro)

E o segundo, diz respeito às linguagens artísticas distintas presentes nessas apresentações do NEOJIBÁ. Integrantes das orquestras, durante as apresentações musicais, também participam dançando. É o caso de um casal que assume o papel de dançarinos, deixando por alguns minutos a tarefa de músicos, ficando mais parecidos a um casal profissional de dança. A expressão corporal de toda a orquestra é forte em todas as apresentações de composições brasileiras e latino-americanas.

A exemplo da intervenção deste casal citado, o NEOJIBÁ realiza movimentos corporais que não ocorrem em concertos de orquestras tradicionais. Na composição *Asa Branca* (baião), de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, os músicos começam a peça batendo os pés no chão. Há uma citação, do tema principal da peça *Berimbau*, de autoria de Baden Powell e Vinícius de Moraes, tocada durante a execução de *Asa Branca*. Ainda nessa peça, os músicos executam pequenos solos¹³ quando nesse momento se levantam. Essa ação que acontece em várias composições e não é comum em orquestras tradicionais. E, por último, dois percussionistas caminham do fundo para o lado da orquestra, e tocam em pé até o fim da peça.

Batuque (forró), de autoria de Lorenzo Fernandes, também começa com os músicos batendo o ritmo com os pés junto com os toques da percussão. Ao final, toda a

¹² Conjunto de dois ou mais sons tocados simultaneamente ou não.

¹³ Um solo acontece quando o compositor quer dar destaque para um instrumento, o músico toca sozinho e a orquestra fica em silêncio ou, as vezes, faz um som baixo, se tornando acompanhamento do solista.

orquestra toca em pé os últimos compassos¹⁴ da peça. *Tico-Tico no Fubá* (choro), de autoria de Zequinha de Abreu, é um bis que se inicia sem regente, apenas com ritmos de samba na percussão. Depois, quem não está tocando, movimenta seus instrumentos, em seguida os músicos se levantam, rodam, tocam e até sambam, em momentos variados. Nessa peça, os músicos fazem juntos por naipe. No meio da peça um casal de dançarinos aparece bailando ao lado da orquestra, que se levanta com efeito de “ola” realizado em jogos esportivos. Em *Carinhoso* (choro), de autoria de Pixinguinha e Braguinha (João de Barro), mesmo sentados, os músicos se mexem, para frente e para trás, reproduzindo o movimento de uma “onda”, que sugere o movimento do mar, apresentada pela Orquestra Pedagógica Experimental. Ao final de uma apresentação no Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, em São Paulo, festival tradicional, conhecido por seu caráter erudito e até bastante circunspecto, a Orquestra Juvenil da Bahia levou seu repertório variado e com final surpreendente, tocou um frevo como bis. Foi então que os músicos se levantaram, dançaram e se movimentaram pelo palco, representando o carnaval da Bahia, ao finalizar a peça, saindo do palco, aos poucos, como se estivessem seguindo um bloco de carnaval de rua.¹⁵ Esse atributo do NEOJIBÁ traz um vínculo com o público, os ritmos e movimentos fazem com que os espectadores também se movimentem, levando a uma sintonia, fisicamente explicada por uma mesma vibração, que conecta a orquestra e os ouvintes.

5. Considerações finais

“Quando você reúne esses meninos numa orquestra, mostra que eles têm um potencial para criar beleza. O contato entre eles se transforma em algo impalpável, é algo que somente a música pode oferecer, e especificamente a prática orquestral”, afirma Ricardo Castro. (Entrevista com Ricardo Castro)

Esta pesquisa procurou pensar no programa NEOJIBÁ como um organismo, ao responder as questões como: Existem processos de hibridação como afirma Canclini, Quais são essas fusões?, Qual a relação com o conceito de Milton Santos sobre

¹⁴ Divide a música, escrita na partitura, em pequenos trechos musicais de duração (tempo) igual ou não, separados por um travessão (barra de compasso).

¹⁵ Fontes musicais citadas do site <<http://www.youtube.com/watch?v=L8vXVQHDcuY>> / <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=BxCeyP8NDvA>> / <<http://www.youtube.com/watch?v=VdF7n87iy3c>> / <<http://www.youtube.com/watch?v=7D7gJK7GU7g>> / <<http://www.youtube.com/watch?v=OUBomW72o0o>> / <<http://www.youtube.com/watch?v=SY75gyXGPXM>>

redescobrir o conceito de globalização e a utilização de seus recursos para melhor convivência em sociedade e quais as transformações dessa visão.

Um modelo sociocultural que preza pelo aperfeiçoamento, excelência e evolução humana. Percebe-se que os processos de hibridismo trazem novos olhares na composição da estrutura de orquestra, levando movimento a uma forma engessada que predominou durante séculos no Brasil e na América Latina. Fundindo passado e presente, transformando em algo sublime, em arte para a população e não apenas aos ricos. A chave foram esses processos de hibridação trazidos no programa, transformando em uma nova estrutura, para o século 21. Esta ação transforma a orquestra, seus participantes diretos e indiretos, o entorno, público e família, levando conhecimento, emoção (sentimento) e Cultura ao povo.

Por intermédio de novas estratégias, da globalização, utilizada de maneira que possa ser aproveitada, buscando a excelência na música pelos músicos, um projeto sociocultural que traz como consequência o benefício uma qualidade de vida, ampliação da cultura e recursos financeiros, conduzindo a melhor vida em sociedade. E com destaque para as políticas públicas da Bahia, essenciais para o nascimento e progresso do NEOJIBÁ.

Nestas considerações finais é preciso destacar o que o programa ainda tem por fazer. E em se tratando de futuro Castro, Ponte e Rubim foram insistentes ao mostrarem a necessidade de o NEOJIBÁ ter sua sede própria, o que está demorando para acontecer. Será que o programa conseguirá uma nova sede, que atenda suas necessidades, em 2012?

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Elisa. 2005. *Homem: ser social, ser cultural*. Trabalho de Conclusão de Curso, UNESP Bauru.

CAMPOS, Moema C. 2000. *A educação musical e o novo paradigma*. Rio de Janeiro: Editora Enelivros.

CANCLINI, Nestor. 2008. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CHAUÍ, Marilena. 2009. *Cidadania Cultural*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

HALL, Stuart. 2000. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A.

HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

REIS, Ana Carla Fonseca. 2012. *Cidades Criativas: da teoria à prática*. São Paulo: SESI-SP editora.

REIS, Ana Carla Fonseca. 2007. *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável*. Barueri, São Paulo: Editora: Manole.

RUBIM, Antonio A. C. “*Políticas Públicas de Cultura no Brasil e na Bahia*”. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/categoria/biblioteca/>>, Consulta: 04/ 2011.

SÁNCHEZ, Freddy. 2007. “*El Sistema Nacional para las Orquestas Juveniles e Infantiles. La nueva educación musical de Venezuela*”, Revista ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), vol. 18, p. 63-69.

SANTOS, Milton. 2000. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Blog do grupo Brasil e Desenvolvimento. Disponível em: <<http://brasilde desenvolvimento.wordpress.com/2009/07/26/gustavo-dudamel-e-el-sistema-um-projeto-de-engrandecimento-do-ser-humano/>>. Consulta: 08/ 2011.

Blog de Milton Ribeiro. Disponível em: <<http://miltonribeiro.opsblog.org/2009/03/29/shostakovich-sinfonia-n%C2%BA-10-2%C2%BA-mvto-allegro/>>. Consulta: 08/2011.

Programa Perfil e Opinião – 2010. *Entrevista com Ricardo Castro*. Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/tve/catalogo/media/view/1146>>. Consulta: 10/2011 até 03/2011.

Site oficial da Fundação Simón Bolívar. Disponível em: <<http://www.fesnojiv.gob.ve/es/mision-y-vision.html>>. Consulta: 08/2011.

Site oficial do NEOJIBÁ. Disponível em: <<http://www.neojiba.org>>. Consulta: 10/2011 até 04/2012.

Site oficial de Ricardo Castro. Disponível em: <<http://www.ricardocastro.com/>>. Consulta: 01/2012.

Site Rizomas. Disponível em: <<http://rizomas.net/cultura-escolar/producao-dos-alunos/utopia-e-cotidiano/128-neojiba.html>>. Consulta: 12/2011.

❖ **Biografia:**

Naira de Brito Poloni, nascida em Bauru em 1982, é Bacharel em Música – Habilitação em Instrumento (Piano) pela (UNESP) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2005. E pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americano sobre Comunicação e Cultura, da ECA/USP, 2012.

Pianista e professora de música. Diretora musical, sonoplasta e pianista em peças de teatro. Participante de palestras, seminários, festivais, oficinas e cursos. Palestrante e oficinaira com temas sobre música e projetos culturais. Trabalhou para o Banco Real, durante seis anos no projeto sociocultural. Foi Arte Educadora vinculada com a prefeitura de Diadema. E-mail: nairabp@hotmail.com